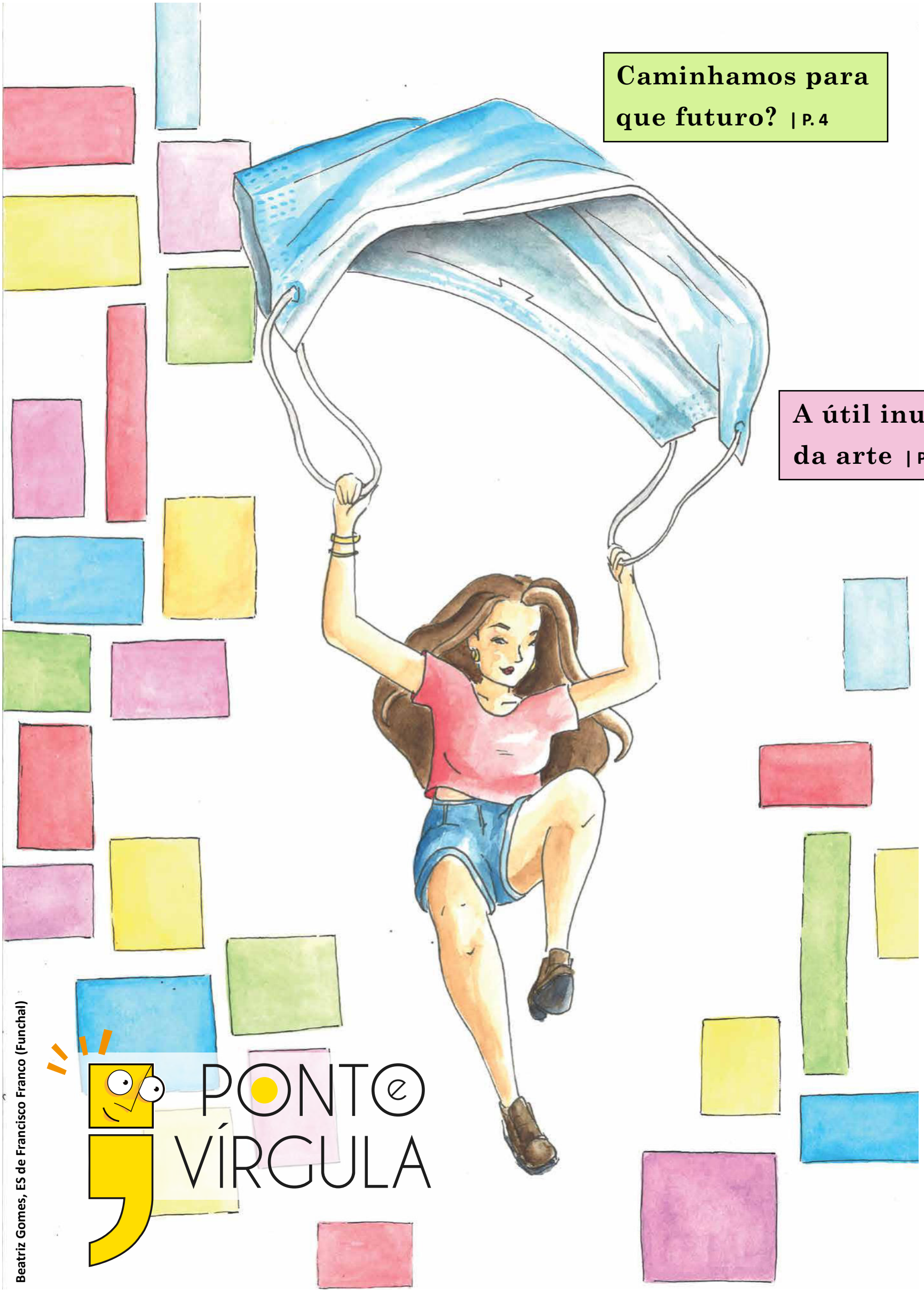
DIÁRIO de Notícias

Caminhamos para que futuro? | P. 4

A útil inutilidade da arte | P. 7



Beatriz Gomes, ES de Francisco Franco (Funchal)

PONTO e VÍRGULA

N.º 2
VI série
novembro
2020
EDUCAÇÃO
@PVnaEscola

Aventura dos Alunos da Escola da APEL...

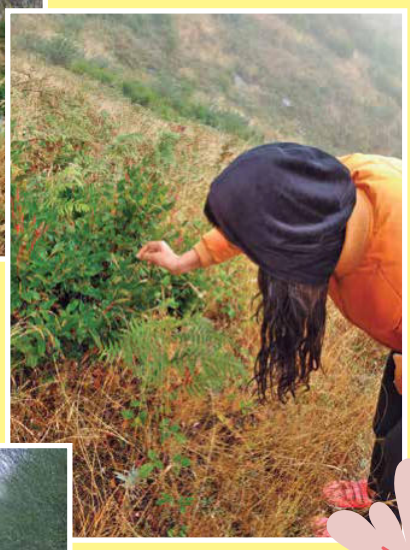
O Prémio Infante D. Henrique é um Programa de Educação não formal, de desenvolvimento pessoal e social, disponível para todos os jovens do Mundo. Tem como objetivo prepará-los, dando-lhes competências para a sua vida pessoal e para uma intervenção que os diferencia nas suas comunidades e no Mundo.

Até à data, mais de 10 milhões de jovens, de mais de 130 países, sentiram-se motivados para participar numa variedade de atividades voluntárias e desafiadoras.
A Escola da APEL já participa neste Programa desde 2010, ano em que o Prémio chegou à Madeira através da Câmara Municipal do Funchal.

Nos dias 25, 26 e 27 de setembro deste ano, um grupo de Alunos da APEL participou nas 'Jornadas Aventura', que decorreram no Parque Ecológico do Funchal. Estiveram acantonados na 'Casa do Burro', por duas noites, e foram avaliados nas várias atividades desenvolvidas, como, por exemplo: caminhadas e atividades radicais (rapel, na Ribeira da Laje, e tiro ao arco), visualização da fauna e flora da Madeira, bem como prova de orientação, consoante o seu nível de participação, que varia do Bronze ao Ouro.

Além de contribuir para que os alunos tenham novas experiências, o diploma obtido é reconhecido internacionalmente como uma valorização para o seu currículo, podendo ser útil para entrar nas universidades e no mundo do trabalho.

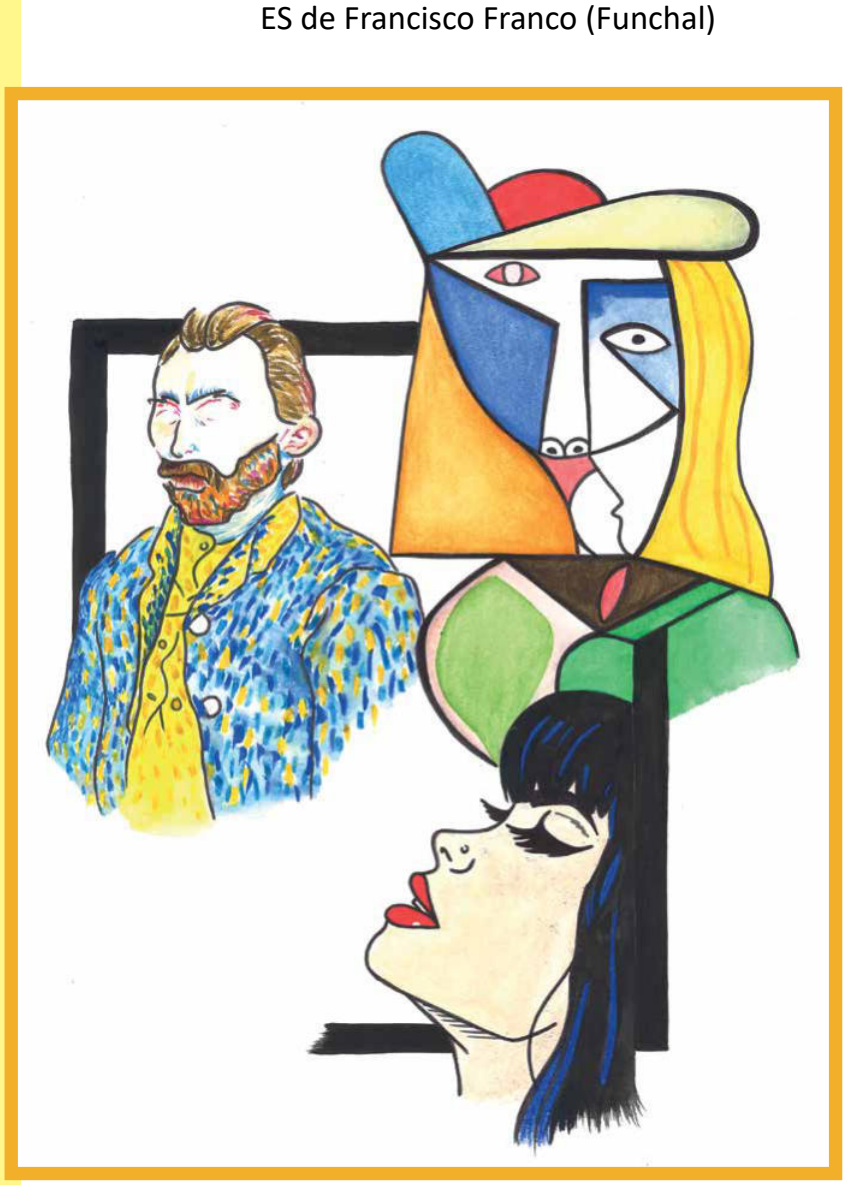
Fonte consultada: https://premio-idh.com/historia, em 28 de outubro de 2020
Fotos: Escola da APEL



Catarina Garapa e Bruna Costa
Escola da APEL (Funchal)

Cor e forma em mudança

Priya Handa
ES de Francisco Franco (Funchal)



Editor... ...por um dia

Dizem que sou uma sonhadora, contudo jamais sonhara com um momento destes! Se me contassem que um dia teria o privilégio de editar uma das publicações do 'Ponto e Vírgula', achá-lo-ia um absurdo. Porém, sem nunca o ter idealizado ou ambicionado, experienciei algo incrivelmente especial.

Já Fernando Pessoa diz *«Deus quer, o homem sonha, a obra nasce»*.

É sob esta premissa intemporal e inexorável que trilhamos o nosso caminho, ambicionando a materialização dos nossos desejos pessoais.

A este propósito, temos Moisés Faria, que este mês presenteia os leitores com um testemunho comovente sobre a descoberta da paixão por um desporto que inicialmente praticava apenas por diversão. Com o texto 'O atletismo – da brincadeira à Seleção de Portugal', o atleta incentiva-nos a nunca desistir de lutar por aquilo em que acreditamos, pois só com trabalho e dedicação alcançaremos os nossos objetivos.

Somos também convidados a ler o artigo 'São Vicente com talento', no qual, em entrevista, outro desportista, Rui Gonçalves, realça a importância do espírito de equipa e da determinação enquanto condições imprescindíveis para alcançarmos objetivos comuns.

Foi precisamente com essa enorme vontade e entusiasmo que me associei aos membros do PV, uma equipa altamente qualificada e perseverante, que se entregou de corpo e alma a um projeto que não só dá voz aos jovens da nossa região como também enaltece o que de melhor se faz nas escolas.

Por fim, gostaria de agradecer à equipa do PV por me fazer sentir, ainda que por um dia, uma verdadeira editora e me receber de braços abertos como membro da sua família, bem como aos professores dinamizadores do projeto na minha escola por esta oportunidade!

Mónica Sousa
EBS da Ponta do Sol

A nova realidade

Estamos perante uma realidade diferente da que estávamos habituados no nosso quotidiano, uma realidade complicada, aterrorizadora e bastante preocupante em todos os aspetos possíveis.

A covid-19 afetou, de uma forma muito prejudicial, a saúde mental das pessoas, pois todos nós estávamos habituados às nossas rotinas e, de um momento para o outro, durante um determinado período, ficámos fechados em casa com a liberdade de movimentação limitada, o que causou um desgaste a nível emocional. O facto de as pessoas estarem fixas na ideia da pandemia e nos efeitos que esta mesma transmite leva a um ciclo psicológico esgotante. Todos nós reagimos de forma diferente a esta situação tão desgastante e são várias as notícias que surgem acerca deste grande tema, porém muitas destas notícias são sensacionalistas e as pessoas que se encontram confusas, com medo e ansiosas, muitas vezes nem se dão ao trabalho de verificar se a notícia é de uma fonte fidedigna, gerando um aumento do *stress* e uma elevada inquietação mental.

A prioridade neste momento é a saúde dos cidadãos, mas a pandemia representa também um enorme choque para a economia, tanto a nível europeu como mundial. A meu ver, o turismo, a restauração e o mercado imobiliário serão as áreas mais afetadas a nível financeiro. Devido à pandemia que forçou o encerramento das fronteiras no período de isolamento, não tivemos a presença de turistas e perdemos o lucro de uma das atividades mais rendíveis da economia madeirense.

A verdade é que estamos a enfrentar tempos bastante difíceis, repletos de desafios e muitos sacrifícios. Muitos de nós são da opinião que esta tragédia vai incentivar o ser humano a reviver todos os erros que cometeu, refletir nas diferentes opções que tem à sua disposição e, por fim, alterar o seu comportamento no que diz respeito à conservação do planeta e à convivência em sociedade. Na minha opinião, basta olhar para o passado e rever a história do ser humano para perceber que nenhuma catástrofe fez o homem mudar o seu comportamento e aprender com os seus erros. Qual será a grande diferença desta vez?

Daniela Lála
EBS/PE da Calheta

Sim, caminhamos a passos largos, mas para que futuro?

Em pleno século XXI, Samuel Paty, professor de História, foi, cruelmente, assassinado por expor caricaturas numa aula de Cidadania. Atrocidades como esta enfatizam a progressiva desumanização a que assistimos, nos dias de hoje, numa civilização em retrocesso, onde a fronteira entre a liberdade de expressão e a ofensa é ténue.

Em primeiro lugar, garantir o respeito pelos direitos humanos é assegurar a consideração pela dignidade, intrínseca a qualquer ser humano. Com efeito, o direito a todo o tipo de liberdade, exceto o de ceifar a vida de outrem, é basilar na vida humana. Não podemos, contudo, ignorar que os direitos do Homem nunca foram, não são, nem serão inalienáveis, pelo que é fundamental que a sociedade se empenhe em preservá-los. Segundo André Manuel Correia, «O mundo é um quiosque sem dono», pelo que é urgente alguma ordem. Assim, perante uma civilização mergulhada numa diversidade de ideias e atitudes, é essencial que, tal como o ar, a liberdade seja salvaguardada. Para isso, é impreterível que a sociedade reconheça possuir o dever de não reprimir a liberdade do outro.

Atualmente, o desprezo pelos direitos humanos é assaz alarmante. A título de exemplo, é de salientar a crescente incidência de terrorismo islamita, praticado por indivíduos extremistas, que crescem alimentados numa crença e rejeitam qualquer opinião divergente, pois consideram-na uma ofensa ao seu Deus. Este é um claro sintoma da era em que vivemos, que destrói, por completo, os alicerces da humanidade, que as gerações anteriores, exaustivamente, cimentaram.

Por fim, será que, na próxima vez que levantarmos a voz sobre um assunto, seremos calados? Estaremos, nós, perturbados pela intolerância, a abdicar dos direitos humanos? Perante uma humanidade tão desumana, o debate acerca dos direitos humanos é fulcral e não pode ser, de forma alguma, adiado. Somente, deste modo, será possível refrear uma sociedade retrógrada.

Matilde Brazão
ES de Francisco Franco (Funchal)

Dor fingida

João Guilherme Ascensão
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva (Funchal)

Dizem que finjo o que sinto!
E que finjo tudo o que sou.
Com esta dor fingida,
Que sem sentir, finge só.

Sentindo esta dor fingida,
Não sei bem o que dizer!
Desta dor sentida,
Mas… com um certo prazer.

Se finjo a dor que sinto,
Fingindo, fico só.
Só… completamente!
Até ser terra e pó!

Concurso Escolar

Se és aluno do Ensino Secundário, **participa na tua escola!**

'A inspiração da natureza'

Mariana Vasconcelos
EBS de Machico

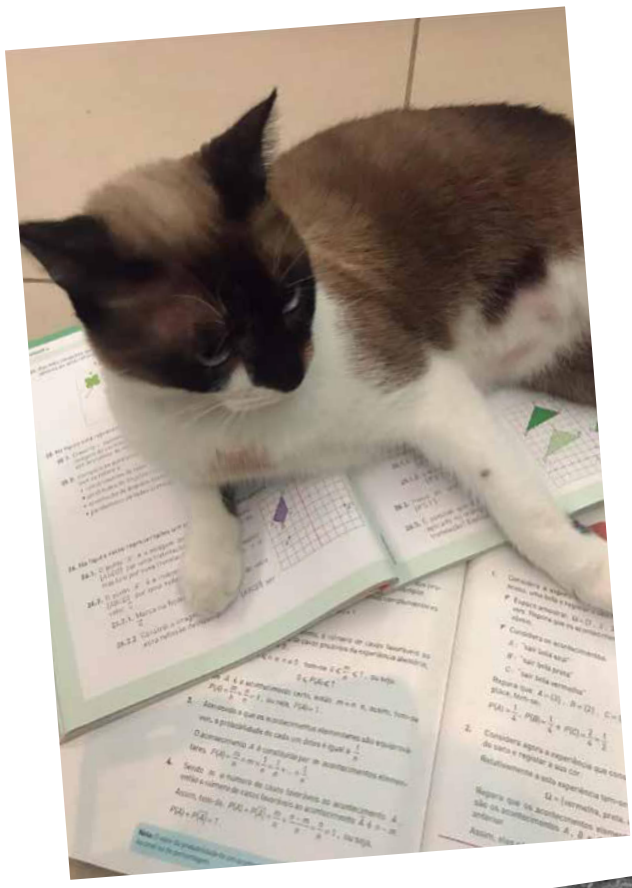
grande ideia

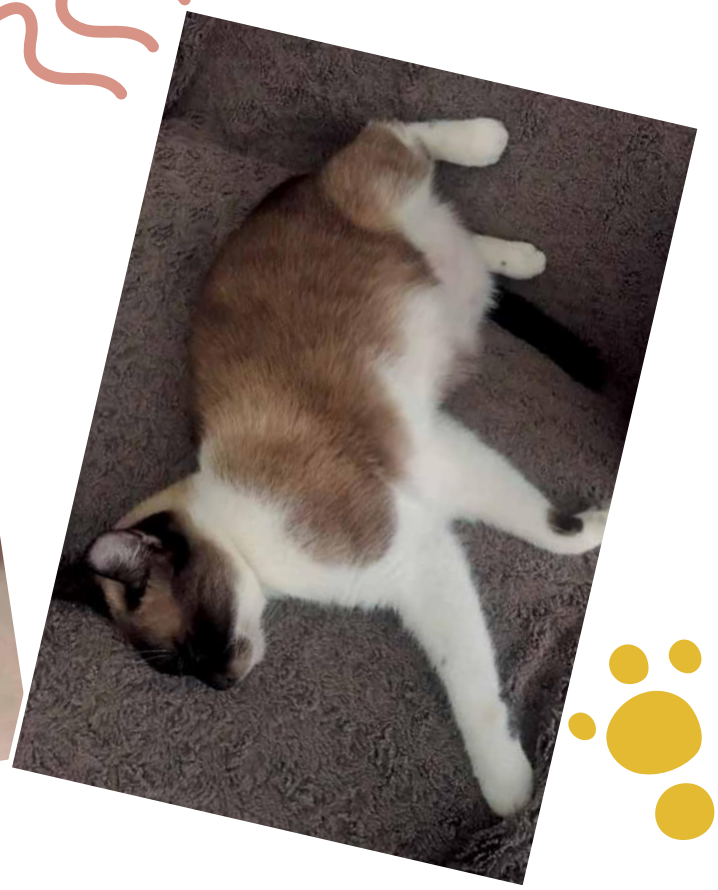
#Ilustração

Prémios la Vie FUNCHAL SHOPPING CENTER

#Fotografia

Um gato fora de série, com uma vida insólita!





Catarina Garapa
Escola da APEL (Funchal)

#Poesia

A Incerteza

Nas profundezas da minha alma,
onde tudo é incerto, não há calma.
Pesam as indecisões, fervilham as emoções,
e procuro um rumo, as soluções.

Vou por aí, vagueando na vida.
Um dia encontro-me, outro perdida.
A certeza indelével à minha frente balança.
Vem ao meu encontro, mas não me alcança.

Sigo o caminho, contando os meus passos.
Insisto, persisto, sem cruzar os braços.
Enfrento, resisto, não baixo as certezas.
Não sucumbirei neste festival de incertezas.

Laura Gonçalves
EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas – Carmo (Câmara de Lobos)

Prémios La Vie
FUNCHAL SHOPPING CENTER

#Reportagem

Desportos náuticos no "Caribe madeirense"

Às vezes, a vida presenteia-nos com oportunidades únicas e irrepetíveis, temos é de agarrá-las com "*unhas e dentes*" e aproveitar cada instante.
Falando de oportunidades, eu e a minha turma do curso profissional de desporto tivemos a possibilidade de participar em várias atividades náuticas, nos dias 15 e 22 de outubro. Imaginem onde?! Na praia do porto do Seixal.
Partilhámos a experiência com outra turma de desporto, os nossos colegas do curso 3. Os nossos professores de educação física e o de psicologia e área de integração foram responsáveis pela organização da visita. A eles, o nosso muito obrigado! Só pela paisagem já valeu a pena.
A praia do porto do Seixal é de areia preta, está ornamentada por uma paisagem luxuriante, sendo um lugar tranquilo e aprazível. As montanhas verdejantes parecem fundir-se com o mar de um azul tão puro e cristalino.
Porém, a atividade não implicava apenas apreciarmos a paisagem, mas antes a prática de atividades náuticas e de uma prova de orientação.
O dia ia já longo desde a nossa saída, bem cedinho, da Ponta do Sol. À chegada ao destino, os professores organizaram-nos em grupos para experienciarmos todas as atividades previstas. O meu grupo começou no *Stand Up Paddle*, prática em que, de pé numa prancha, com a ajuda de uma pagaia, podíamos "navegar" sossegadamente.
Verdade seja dita, caí várias vezes, ainda assim não me preocupei, pois estava a divertir-me. De seguida, aprendi um pouco mais como andar nos caiaques. E lá vai água outra vez. Posto isso, fomos realizar a prova de orientação.
Seguimos as pistas do mapa disponibilizado. Levávamos no dedo um *chip* para podermos identificar a passagem nas balizas. Foi divertidíssimo.
No segundo dia de visita, fiz *Bodyboard*. As ondas ajudaram-me muito e o ambiente que se gerou foi ótimo. A gargalhada foi geral, parecíamos crianças no recreio. Depois, à tarde, ainda jogámos voleibol de praia, respeitando, claro está, os alertas para manter e respeitar a distância de segurança, por causa da covid-19.
O regresso a casa fez-se com a sensação de dever cumprido, porém envolto numa certa nostalgia. Foi realmente uma grande oportunidade que a escola e os nossos professores nos proporcionaram, quanto mais não seja porque somos alunos de desporto.

Victor Diogo
EBS da Ponta do Sol

#Conto

A pedra de Adão

Era uma manhã particularmente fria, e eu tremia que nem varas verdes. Sou o Adão e descobri um segredo que me mudou a vida para sempre.
Aquela manhã não era só uma manhã, daquelas normais. Eu não ia só me vestir, comer às carreiras, ir para a escola ouvir grafos e as teorias de Descartes. Não ia só almoçar com os meus amigos e rir das suas piadas sem sentido, mas que eu entendia perfeitamente. Foi o dia em que eu ganhei algo em que valia a pena investir.
Eu ia a caminho de casa, o Carlos continuava amuado com o meu irmão mais velho, Marlo, seu namorado, e lá eu tive que ouvir os seus lamentos que, de certa forma, até tinham razão de ser. Convenhamos, eu conheço o meu irmão. Ia contando as pedrinhas do passeio, aquele jogo parvo de criança que nunca entendi o interesse, mas em que me tinha viciado. Acabei por tropeçar num rochedo que estava a meio do caminho e pensei se as pedras estariam a ripostar contra mim...
Deitei-me e olhei para o sol, mas acabei por desviar o olhar, já que o sol me incidia diretamente. Foi aí que reparei numa pedra de dimensões semelhantes àquela em que caí e vi que brilhava. Parecia ouro. Pensei que estava maluco, quem deixaria ouro no meio do caminho? No entanto, trouxe-a comigo, não fosse ser uma obra do destino. Levei-a ao meu irmão, que confirmou as minhas suspeitas: não era ouro. Acabou por rir de mim, eu ripostei. Quando me disse que queria levar a pedra para mostrar a minha burrice ao Carlos, decidi partir a pedra a meio e foi aí que vi. Dentro da pedra, estava um manuscrito, que o meu querido irmão teve a honra de traduzir. Ele olhou para mim, embaraçado, e disse:
– Acabaste de achar a chave para o teu futuro.
Eu olhei para ele atordoado, não via ali nenhuma chave, mas sabia em que sentido o estava a proferir. No entanto, perguntei de que estava a falar.
– O manuscrito traduz um mapa para uma mina de ouro nunca antes encontrada. Vais ficar rico!
Fiquei em choque, mas feliz. Não havia palavras para descrever aquele momento, então não disse nada. Mas sonhei com todos os meninos e meninas que podia ajudar e na universidade que iria pagar ao ser um irmão dissimulado.
Naquela noite, olhei para as estrelas e olhei de soslaio para a pedra e disse para comigo:
– Como a vida é uma caixinha de surpresas... – suspirei e adormeci.

Eva Madalena Oliveira
EBS Gonçalves Zarco (Funchal)

Prémios la Vie FUNCHAL SHOPPING CENTER

#InvestigaçãoHistórica

Festa de Santo Amaro

Ainda me lembro quando, no início de janeiro, construíamos na escola primária vassourinhas para limpar os armários e cantávamos de sala em sala. Depois levava essa mesma vassourinha para casa e, juntamente com os meus primos, íamos à casa da minha avó, onde varríamos os armários juntos. Era assim que assinalávamos o final da época natalícia e festejávamos Santo Amaro. Guardo estas memórias com imenso carinho...

Mas não é apenas no meu concelho, Calheta, que se cumpre esta tradição entre 11 e 15 de janeiro, dia de Santo Amaro. Um pouco por toda a ilha e principalmente na noite do dia 14 para 15, familiares, vizinhos e amigos reúnem-se, retiram as decorações natalícias e as tão tradicionais lapinhas (presépios), e partilham a última refeição da quadra para "varrer os armários", acabando assim com as iguarias típicas desta época. Mas, para além desta componente mais familiar, a vertente religiosa está fortemente presente.

Nascido em Roma, no ano 512, Santo Amaro demostrou desde tenra idade a sua vocação religiosa, tornando-se um beneditino com apenas 12 anos, após o seu pai o ter entregado aos cuidados de São Bento. O seu percurso exemplar tornou-o num exemplo para os monges, tendo também sido considerado santo milagreiro.

Já na era de 1500, os descobridores e colonizadores da Madeira trouxeram consigo a devoção a Santo Amaro, mandando erigir capelas em sua honra e organizando romarias, algumas das quais se mantiveram até aos dias de hoje. Na ilha, existem quatro capelas dedicadas a Santo Amaro, a mais antiga das quais foi fundada na freguesia de Santo António, no Funchal, em 1460 por Garcia Homem de Sousa, fidalgo que casou com a filha de João Gonçalves Zarco. No Paul do Mar, encontra-se outra capela, mandada erguer no final do século XV por João Anes de Couto Cardoso, um dos primeiros povoadores da ilha. Já na Ponta do Sol, pode ser encontrada uma outra capela dos finais do século XV, mandada construir por João Esmeraldo.

Em Santa Cruz, este local de devoção foi construído pela população local, em data desconhecida. As comemorações do dia de Santo Amaro são particularmente importantes nesta freguesia, sendo a data assinalada com uma procissão de velas em homenagem ao seu santo padroeiro e que percorre as ruas decoradas até à Igreja Matriz. Há também várias bancas de produtos, onde muitas pessoas aproveitam a comida e a música.

Devido à pandemia que estamos a enfrentar, as festividades deste ano serão, provavelmente, muito limitadas. O meu desejo é que em 2022 eu possa estar novamente a festejar esta romaria em pleno, com tudo a que o Santo Amaro nos habituou, mas desta vez dando ainda mais valor aos abraços, à família, às tradições... São estas romarias que fazem perdurar a memória coletiva de um povo, que fazem com que nunca nos esqueçamos de quem somos e de onde viemos. Meu querido Santo Amaro, faz com que este meu desejo se torne realidade.

Bibliografia:
https://visitmadeira.pt
https://acontecemadeira.pt
https://agencia.ecclesia.pt
Fotos:
https://santacruz-madeira.com

Raquel Gomes
EBS/PE da Calheta

#Reportagem

Assim nasce uma escola

A Escola Padre Manuel Álvares, na Ribeira Brava, foi fundada a 14 de outubro de 1973, sob a direção do professor e escultor Francisco Simões, natural de Almada.

Com a escola ainda em construção, a rua, a praça, o muro da ribeira, os picos... todo o espaço exterior se convertera em sala de aula!

Os alunos mais distantes só iam a casa ao fim de semana. Faziam a sua outra moradia à beira-mar, no edifício que alberga o primeiro centro comercial da vila. Quem nunca passeou na marginal e não contemplou as janelinhas tão catitas que parecem elas mesmas estar à janela do próprio edifício?!

Agora que a nossa escola tem um novo rosto, ocorreu-nos uma viagem ao passado... e fomos ao encontro de Francisco Simões.

Escola: Como foi abrir uma escola sem escola?
Francisco Simões: Foi um grande desafio. Transformamos a vila numa escola sem campainha, sem salas de aula, mas igualmente eficiente ou talvez ainda mais eficiente. Nasceu uma escola sem muros, motivada por um pequeno livro que ainda não tinha tradução em português – 'Jonathan Livingstone Seagull', posteriormente titulado de 'Fernão Capelo Gaivota' em português, o que cognominou a comunidade da Ribeira Brava de "gaivotas". Ser diretor era ser professor com um pouco mais de responsabilidade do que os outros colegas. Para mim, um diretor é um comandante, que quer dizer que manda com os outros.

Escola: A abertura da escola foi uma oportunidade?
Francisco Simões: Nesse tempo, quem quisesse estudar teria de vir para o Funchal e ficar na cidade já que os transportes eram muito morosos. Uma escola preparatória, mais tarde transformada em secundária, permitiu que os jovens da Ribeira Brava e até da Calheta pudessem estudar até ao 9.º ano. Essa oportunidade abriu portas para que alguns dos alunos pudessem ter voado até mais longe, pudessem ter voado até à universidade, pudessem ter voado até à condição de homens e mulheres adultos, bem formados, cultos e amantes da liberdade.

A nossa professora Leontina Santos é um testemunho vivo dessa oportunidade. Entre mil e uma memórias, contou-nos que «cuidar da horta, das galinhas, dos coelhos, até de uma vaquinha (!) também era escola... e foi daí que nos tornámos pioneiros em servir comida aos alunos, na escola!»

Hoje, a escola que começou sem muros tem novos muros que ainda cheiram a fresco. Sucumbem velhos muros para outros se erguerem; a horta será cheiro e cor... Está a nascer uma nova escola de "gaivotas", no dorso da oportunidade!

Érica Correia
EBS Padre Manuel Álvares (Ribeira Brava)

Prémios La Vie FUNCHAL SHOPPING CENTER

#Poesia

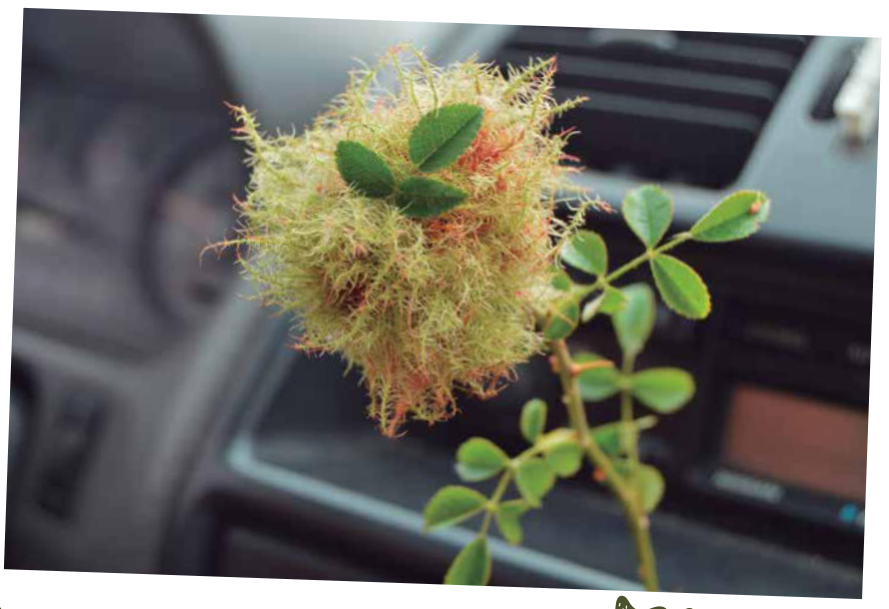
Estás no mundo dos sonhos

Estás no mundo dos sonhos
onde nascem as ideias.
O pó das estrelas criou-nos:
tornou-nos pensantes.
Errantes do futuro.

Lentamente,
transcendo.
Sentimentos efémeros,
éter da criatividade.

Diz-me tudo.
Perde a noção do tempo.

Leonor Mendonça
EBS Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco (Porto Santo)



#Fotografia

O insólito na natureza

Laura Mata
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva (Funchal)

Prémios laVie FUNCHAL SHOPPING CENTER

#Reportagem

Oportunidade solidária

Mariana Fernandes, ex-aluna da Escola Básica Secundária Dona Lucinda Andrade, atualmente a trabalhar na empresa Naturnorte e a frequentar o curso de Licenciatura em Gestão, participou ativamente num projeto familiar que se revelou uma excelente oportunidade para o bem da comunidade no atual contexto pandémico.

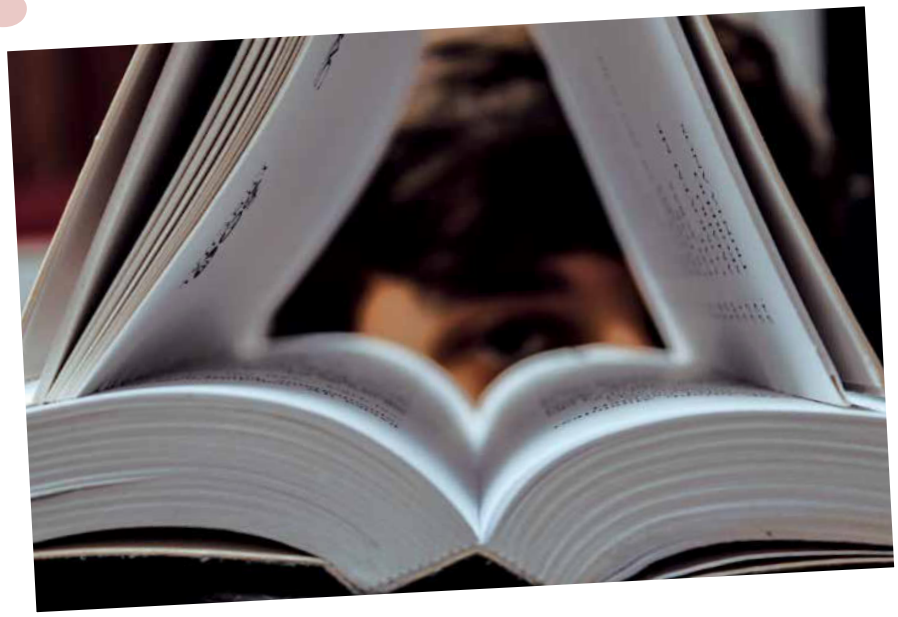
Segundo a entrevistada, «o projeto baseou-se na entrega de bens alimentares, produtos de limpeza, entre outros, ao domicílio de forma eficiente e segura, auxiliando os idosos mais vulneráveis e os que cumpriam o isolamento em casa».

Mitigar o contágio do vírus que originou a doença covid-19, bem como salvaguardar a saúde pública foram os principais objetivos desta família empreendedora, consciente da letalidade do vírus. A mesma salientou «que o que temos de mais rico neste mundo é gratuito, o Ar que respiramos, e devemos valorizá-lo, pois a covid-19 pode tirar-nos esta riqueza!»

Mariana esclareceu-nos sobre o grau de adesão do projeto divulgado na rede social 'Facebook Oficial: Enxurros Lda' e de boca a boca. «Teve uma boa adesão, sobretudo dos idosos de Ponta Delgada, mas também fizemos entregas às freguesias vizinhas. Tivemos alguns casos excecionais, como uma embarcação que chegou ao porto do Funchal, e, no cumprimento da quarentena, fomos nós os selecionados para a entrega dos bens essenciais. O mesmo sucedeu com um jovem vindo do Porto que permaneceu em casa com a mãe, ficando os dois em isolamento (três semanas). Outra curiosidade, neste caso, um 'miminho', foi um senhor que regressou de África, estava em isolamento no seu domicílio, e prestamos um serviço de *take away* de um simples café.»

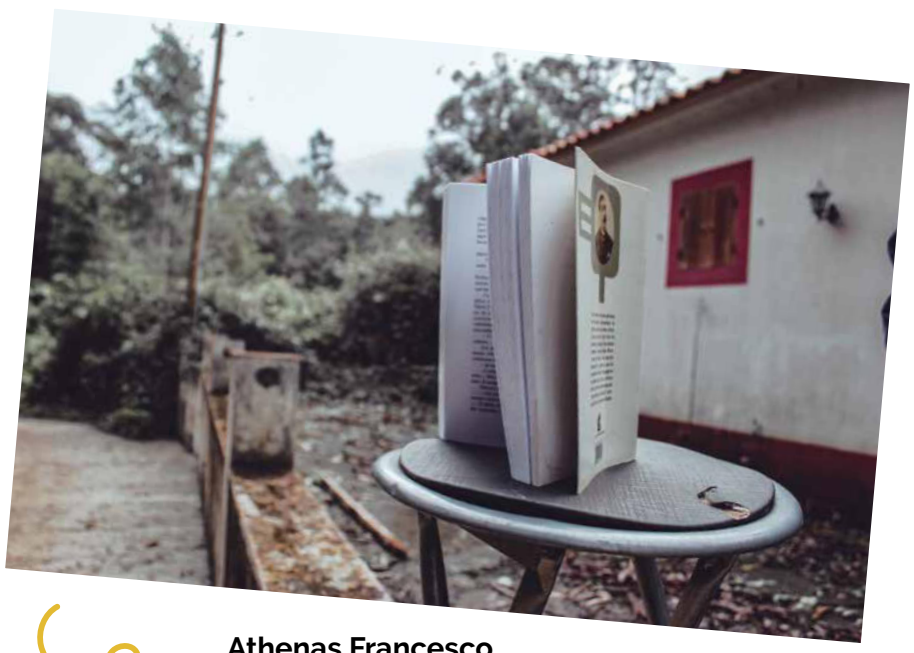
Por fim, tivemos curiosidade em saber qual o grau de satisfação e de que forma o projeto foi enriquecedor. «Falo por mim..., sinceramente ver aquele brilho de alegria no olhar dos clientes, mesmo por trás da janela, é de uma enorme satisfação! Foi mesmo uma sensação que ainda não tinha vivenciado, parecia que estávamos a realizar uma espécie de milagre, levar os alimentos a casa dos clientes sem qualquer tipo de contacto, o pagamento era feito através do multibanco, ou até mesmo depositado num prato de vidro ou num saco que os clientes deixavam no mesmo local onde colocávamos a mercadoria e o troco já desinfetado. A satisfação, a alegria, o agradecimento não têm preço e foi deveras emocionante, tendo em conta a fase pandémica por que passamos... A união faz a força e como necessitamos sempre do próximo, pois não vivemos sós, juntos venceremos este vírus!»

Nicole Góis
EBS D.ª Lucinda Andrade (São Vicente)



#Fotografia

Evasão



Athenas Francesco
EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)

#Conto

#InvestigaçãoHistórica

Prémios La Vie FUNCHAL SHOPPING CENTER

Paixão de Lua

Estou sufocando, cada palavra, cada fração de imagem recorda-me que não te posso mais ter aqui, partiste sem aviso prévio e agora encontro-me sem chão. Estou olhando para longe enquanto te escrevo, procuro a linha do horizonte, algo que não é visível devido aos mantos negros que cobrem o céu. Está frio, está escuro, estou com medo, quando irá voltar a luz do dia? Está chovendo. A tristeza, tal como as gotas estão inundando os meus pensamentos, esses que foram banhados pela melancolia da tua despedida, cada gotícula que embala o meu corpo escuta o soar lastimoso das minhas lágrimas e danço conforme elas caem.

Vivo num ecoar constante, sinto-me numa gruta onde não há saída e o meu amor por ti ecoa por todos os lados, porém, não te alcança. Procurei pela luz e não a achei, sinto-me num labirinto onde todas os caminhos vão dar a um amor soluto. Falaste-me ser Ícaro, disseste-me que nosso amor se elevaria ao alto com as asas que criamos, mas a meio da trajetória derreteram, seria ele feito de cera? Caminhamos em direção ao Sol, ao impossível, e terminou tudo tão rápido quanto começou, fora devastado.

Falaste que o vermelho representava a nossa relação, meu coração pulou de felicidade, porque para mim vermelho significava a felicidade, a vida, significava a esperança para o nosso suposto amor perpétuo, porque é que não pensei mais cedo? Que o vermelho significa o errado, a mágoa, o sofrimento, é o significado de algo proibido, e agora encontro-me dessolada encarando as nossas fotos. Entendo agora o porquê de nunca quereres aparecer nelas, são enganosas, estão penduradas na parede da minha casa, nelas parecia uma paixão sublime, escrita sobre linhas retas, mal sabia eu que estava sobreposto a linhas tortas.

A Lua agora embala-me a noite inteira, é a única que escuta o meu conto de fadas deplorável, acompanhou minha história lastimável e chora todas as noites comigo. A única coisa de que eu agora tenho certeza, é que o amor poderia nos dar o poder avassalador de ruinar a pessoa, e eu agora encontro-me em ruínas.

Soraia Fernandes
EBS de Santa Cruz

Festividades Religiosas e Tradições

A Região Autónoma da Madeira, conhecida pelos seus encantos, é igualmente rica em tradições e grandes festividades religiosas, de que são exemplo as festas do concelho do Porto Moniz.
A Festa de Santo Antão, no Seixal, normalmente celebrada no dia 17 de janeiro, é uma grande festividade dedicada ao santo padroeiro da paróquia. Muito procurada pelos turistas e pela população madeirense marca o fim da época natalícia. No primeiro dia, celebra-se uma missa ao fim da tarde, a Novena. A noite é marcada pela atuação de um conjunto musical e pelo convívio nas barracas de "comes e bebes" tradicionais. No dia seguinte, na missa, os paroquianos, os irmãos da confraria e os peregrinos percorrem a aldeia com o Andor de Santo Antão. No final, convivem no salão paroquial e nas barracas de "comes e bebes" tradicionais, acompanhadas pela música das bandas filarmónicas sitas no Adro da igreja. O Seixal tem ainda como tradição levar as bandas às casas dos festeiros, agradecendo a organização da festividade.
Na Vila do Porto Moniz, a Festa de Nossa Senhora da Conceição, de 7 a 8 de dezembro, é uma tradição da Igreja Matriz do concelho em honra da padroeira da paróquia. A data coincide com o dia da freguesia. A 7 de dezembro, à noite, é celebrada a Novena e, na Praça do Lira, há música, convívio, barracas, sorteio de rifas e muita animação. O dia 8 é o dia da romaria feita pela vila, com o Andor de Nossa Senhora da Conceição, repleto de flores e do ouro oferecido do pagamento das promessas. No final, os participantes convivem no salão paroquial ao som da banda filarmónica.
No sítio da Santa do Porto Moniz, de 21 a 22 de julho, realizava-se outra grande festa católica em honra de Santa Maria Madalena. Os responsáveis pela organização começavam a prepará-la muito cedo. Era conhecida pelas inúmeras barracas de "comes e bebes" tradicionais, de sorteios e rifas, de vendas de roupa e calçado, de atrações e pela música ao longo da noite, após a missa vespertina. Atualmente, no dia 21 de julho, faz-se a recolha das semilhas pelas casas das pessoas, com a banda filarmónica a acompanhar, e à noite é celebrada novena, seguida de convívio, acompanhado por grupos musicais de ritmos modernos. No dia 22, o padre celebra a missa com igreja cheia, pois vem gente de toda a ilha. A meio da missa, os paroquianos transportam o andor da santa, enfeitado com flores pela paróquia, para abençoar a mesma. Após a missa, a população assiste à atuação do grupo de folclore tradicional.
Estas festas ligarão sempre a sociedade à igreja. Ainda que, atualmente, não sejam celebradas da mesma forma, Porto Moniz tem tentado manter as tradições ao longo dos anos.

Webgrafia:
https://www.portomoniz.pt/pt/concelho/cultura/eventos-religiosos
https://freguesias.dnoticias.pt/seixal-prepara-se-para-honrar-santo-antao
https://www.jornaldamadeira.com/2019/12/05/paroquia-do-porto-moniz-vai-celebrar-padroeira
https://www.jornaldamadeira.com/2020/07/18/festa-na-paroquia-da-santa
https://www.facebook.com/paroquias.portomoniz

Inês Câmara
EBS/PE/C do Porto Moniz

Prémios la Vie FUNCHAL SHOPPING CENTER

#Conto

Casa Cheia

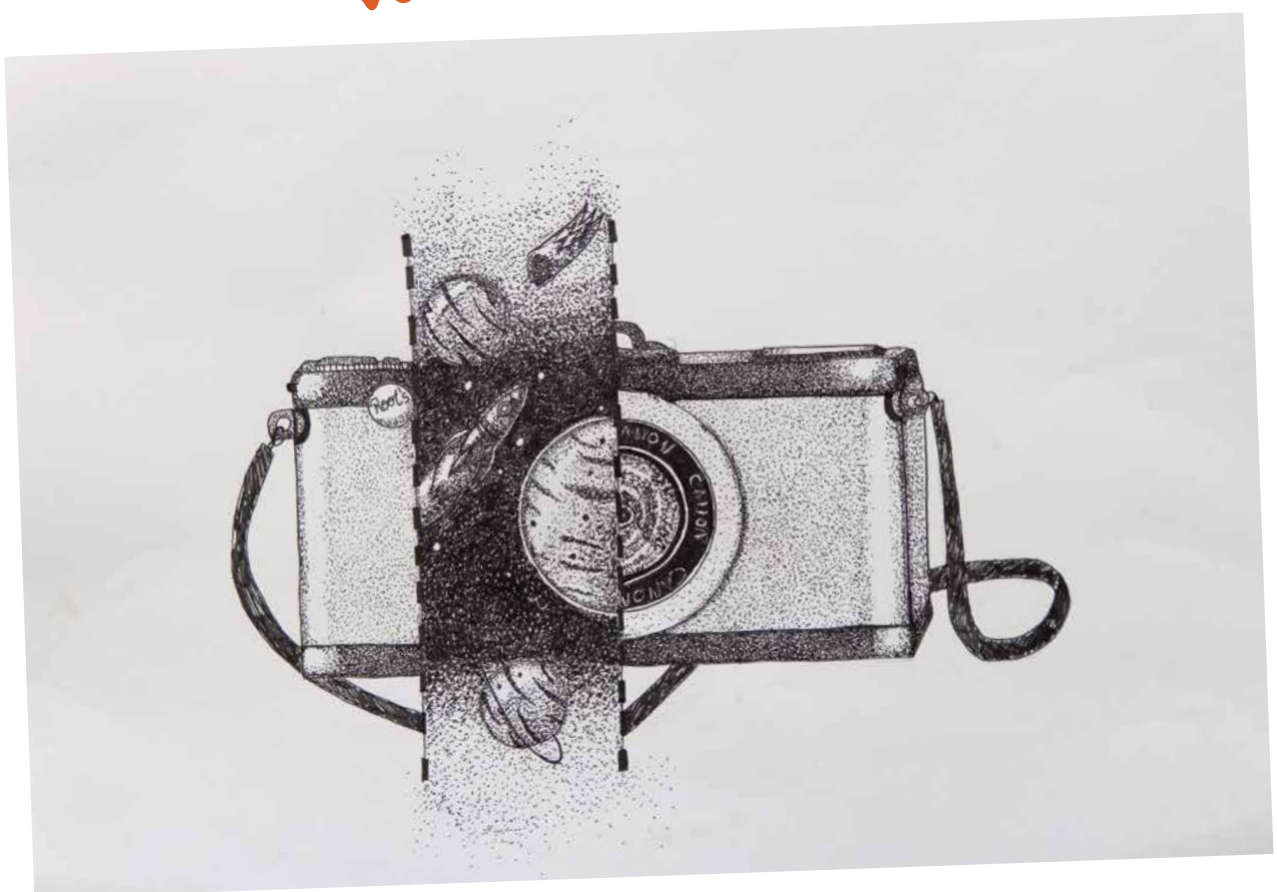
"Casa cheia", dizem. Apenas consigo ouvir o burburinho. Quantos serão? Dezenas? Centenas? Não sei, apenas sinto a expetativa. Lugares que se preenchem aos poucos, comentários soltos e ao meu redor, do outro lado do pano, o nervosismo coletivo. Não estás sozinha, não és a única que é consumida pelos sons anónimos de um público que simplesmente podes imaginar. Afinal, quantos são? Que diferença faz? Sinto a súbita vontade de me esconder, de fugir, a incerteza toma conta de mim. Nada disso importa, eu sei. Este é, agora, o meu universo único e alternativo, onde tudo já se encontra predefinido. Mesmo assim, é como se não soubesse o que me espera. No momento em que as cortinas de veludo abrirem, esta passa a ser a minha realidade. Posso partilhá-la com quem está do outro lado, mas vivê-la com a intensidade máxima é só para quem tem o privilégio de pisar o palco. Sentados nas cadeiras, os membros do público não imaginam o que cada um de nós ultrapassou e do que abdicou para poder estar ali. O processo nunca é fácil. São anos de prática, lágrimas, falhas, ensaios, ensaios e mais ensaios até as horas mais avançadas da noite, todos os dias. Vale a pena? Vale tudo a pena para poder estar aqui a ouvir o burburinho, sentir o *stress* na pele e ter a esperança de que tudo correrá como planeado.

Neste misto de inquietações, sentiremos o movimento, as cortinas começam a afastar-se vagarosamente. Aí lembro-me de tudo, do início... Tinha sete anos e a minha mãe acompanhava-me à minha primeira aula, dizia que me ia fazer bem, que estava demasiado calada, precisava de aprender a expressar-me e, realmente, tinha demasiado tempo livre, o que nunca é bom sinal. O ciclo repetiu-se mais uns anos. À terça-feira a minha mãe ia buscar-me à escola, eu lanchava apressadamente pelo caminho, contava-lhe o meu dia e ela ouvia, atenta, comentando algo de vez em quando. Então, lá chegávamos à porta verde desgastada, eu subia as escadas até encontrar a porta da minha sala, cumprimentava a minha professora, a aula estava prestes a começar. Deve ter sido o meu pai que um dia lia o título de um artigo qualquer em voz alta: «Dez mil horas é o tempo necessário para se tornar um verdadeiro especialista em algo». Talvez tenha feito um breve comentário antes de mudar de página. Não sei bem porquê, fixei essas palavras. Quando poderia considerar-me "especialista"? Quantas horas dediquei a tudo isto? Muitos dias de dedicação tinham passado desde aquele primeiro, tive aulas em tantos lugares distintos daquele de porta verde desgastada, muitas amizades, desafios, propostas, rejeições e conquistas. Hoje, estava diante da minha maior oportunidade!

Agora sim, revela-se a plateia preenchida e a sala, antes reluzente, em escuridão absoluta. Somos atingidos pela luz hipnotizante dos holofotes, aí todo o nosso corpo estremece. Sim, é este o momento, deixou de ser um sonho, não há um pano a dividir-nos, estamos todos juntos a viver arte. Que comece o espetáculo!

Ana Beatriz Góis
ES de Francisco Franco (Funchal)

#Ilustração



[Sem título]

Beatriz Santos
ES de Jaime Moniz (Funchal)

Os manuais digitais vieram para ficar

Há quem diga que as tecnologias são um vício, uma desvantagem nas mãos dos mais jovens, mas hoje a realidade na educação diz o contrário.
Há dois anos, na Escola do Galeão, iniciou-se um novo projeto dedicado à implementação dos manuais digitais no 2.º ciclo. Depois desta, seguiram-se muitas outras da Região, e a Escola Francisco de Freitas Branco, no Porto Santo, não podia ficar de fora.
Coordenado pelo professor Armando Neves, este projeto consiste em substituir os tradicionais manuais em papel por *tablets*. Todos os conteúdos passaram assim a formato digital. Com a ajuda de um quadro interativo, esta mudança permite proporcionar aos alunos novas formas de aprendizagem, reduzir o peso excessivo das mochilas e ser mais amiga do ambiente.
Neste momento, existem 105 *tablets* disponíveis para alunos e professores do 5.º e 6.º anos. Os equipamentos são suportados pelo sistema 'Samsung Nox', que proíbe qualquer instalação de aplicações que não sejam as previstas no ensino escolar, como redes sociais e jogos não educativos, criando, assim, uma *black list* e uma *white list*.
Os professores preveem que em poucos anos este projeto chegue ao 9.º ano e, possivelmente, abranja o secundário, acabando de vez com os manuais em formato de papel.
As incertezas ainda são muitas, mas o futuro cada vez mais parece estar nas tecnologias e é também preciso evoluir com elas.

Mariana Correia e Catarina Silva
EBS Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco (Porto Santo)

São Vicente com talento

Tudo começou com apenas cinco anos, quando Rui Gonçalves – aluno da Escola D.ª Lucinda Andrade – iniciou o seu sonho no clube da terra, onde, desde tenra idade, frequentou badminton e futebol, sendo este último o seu desporto de eleição. O que o motivou a tomar esta decisão foi principalmente a família, mas também a sua paixão pelo desporto e uma imensa vontade de jogar futebol. Colocámos algumas questões ao atleta vicentino, presentemente nos juvenis do C. D. Nacional, que nos respondeu com grande satisfação.

Consideras a tua equipa uma segunda família?
– Claramente, até porque estou com eles todos os dias. Criámos uma união, e é a partir dela que lutamos pelo que queremos.

Como capitão de equipa, que obrigações devem existir dentro e fora do campo?
– O capitão deve ser responsável. É aquele que procura sempre ajudar, motivar e comandar os colegas de equipa. Ajuda na união e avisa o treinador com pequenas informações que lhe são transmitidas.

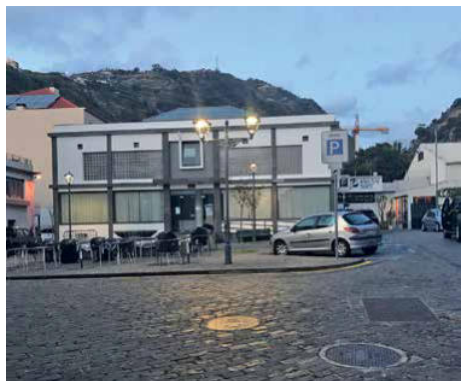
Quando entras no campo, qual é a primeira sensação que surge?
– É aquele friozinho na barriga, um certo nervosismo, mas, por outro lado, uma vontade de me divertir e de "deixar tudo em campo".

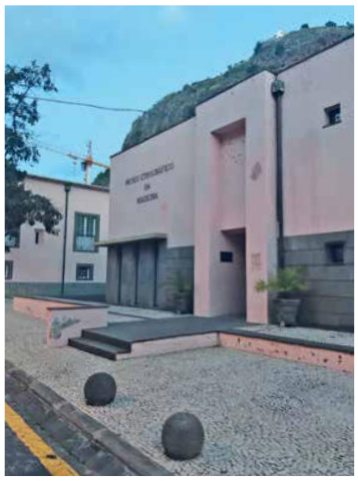
Um outro tema que Rui achou importante mencionar foram os estudos, uma vez que muitas pessoas têm a tendência em considerar que os atletas não o fazem. No seu entender, deve haver tempo para tudo; e, quando há gosto e determinação no que se faz, é possível conciliar a escola e o desporto.

Liana Silva e João Pedro Silva
EBS D.ª Lucinda Andrade (São Vicente)

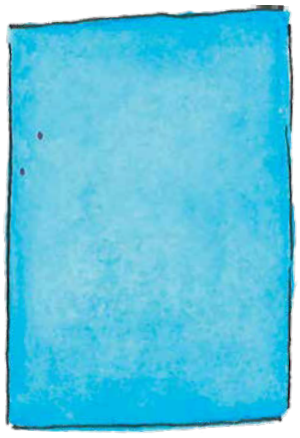
Curso profissional veste a pele do turista

O dia 1 de outubro foi singular! Fomos em visita de estudo à Ribeira Brava com o intuito de observar, conhecer e pôr em prática competências e saberes da nossa área de estudos: **informação e animação turística**.
Acompanhados por seis professores, demos início ao circuito turístico! A nossa "Tour Guide" marcou o passo e lá fomos até ao primeiro ponto, o Museu Etnográfico da Madeira. Aí pudemos contactar com a cultura tradicional madeirense (atividades produtivas, como o ciclo produtivo do vinho; transportes; unidades domésticas e comércio tradicional). Conhecemos a Biblioteca Municipal, explorando-a através da resolução de uma etapa de um *Peddy-Paper*. Caminhámos pela principal artéria da vila, a Rua do Visconde, cujo nome se deve a Francisco Correia Herédia, fundador do Concelho e visconde da Ribeira Brava. Passámos pelo Solar dos Herédia, pelo Fontanário abençoado por São Bento e pelo Mercado. A paragem seguinte aconteceu no Forte de São Bento, uma referência icónica da vila, onde funciona um posto de informação turística. Pudemos vestir a pele de turistas, observar aspetos relacionados com a prestação de informação e constatar que as medidas de higiene e segurança, em especial as da covid-19, estão a ser postas em prática. Concluímos o circuito turístico junto à Igreja Matriz, também designada de Igreja de São Bento, padroeiro que deixou o lema "ora et labora" enraizado na vila...
Foi uma tarde de aulas bem recheada...
Que venham mais!



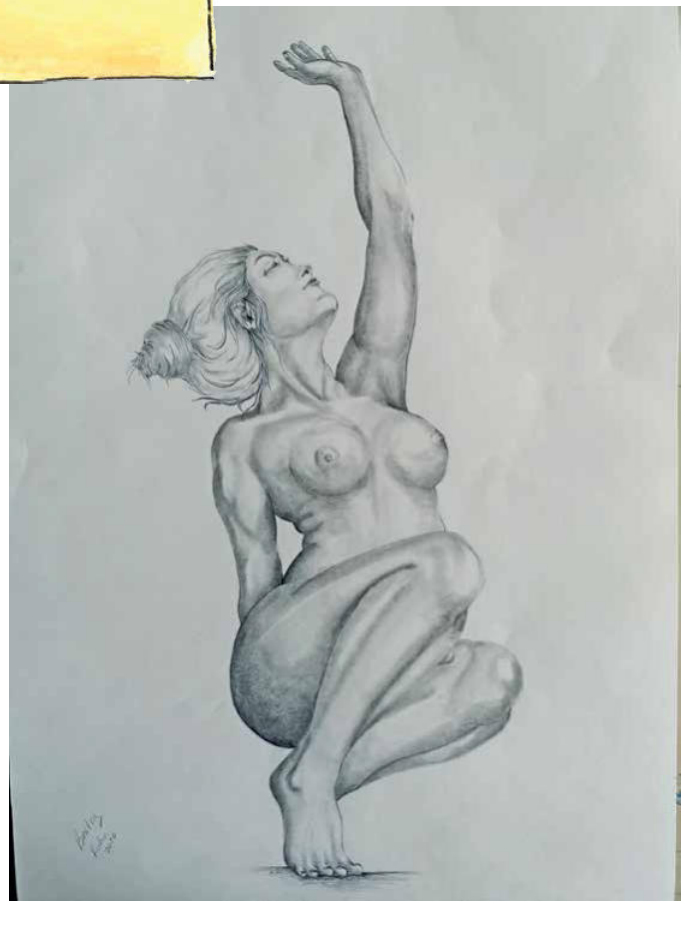


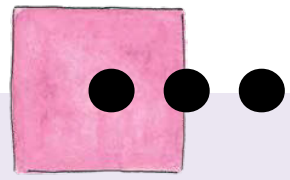
Mónica Pita
EBS da Ponta do Sol



Ilustração

Beatriz Rocha
Escola da APEL (Funchal)





Novos hábitos, os mesmos afetos

A covid-19, que advém de um Coronavírus, é uma doença que atinge os pulmões. O surto mundial da covid-19 alterou por completo a nossa vida, os nossos hábitos e rotinas, os estudos e os empregos.
Na minha opinião, todos nós sofremos com esta pandemia, principalmente os estudantes e as crianças. O mundo parou e com ele as escolas, os locais de trabalho, o desporto, a música… tudo fechou; todos tivemos de nos adaptar a esta nova fase da nossa vida.
Acabada a escola, vieram as férias, outro tema interessante, pois não podíamos viajar, já que o mundo parou. Muitas pessoas fizeram férias dentro da sua cidade, o que serviu para conhecê-la melhor. Porém, tudo o que é bom e seguro tem um lado mau; é o caso de várias agências de viagens que fecharam e muitas pessoas foram para o desemprego; a economia dos países que vivem do turismo baixou, devido ao encerramento dos aeroportos e portos. Os hábitos mudaram, agora temos de andar de máscara e estar constantemente a desinfetar as mãos, ajudando a combater a propagação do vírus, embora as máscaras nos escondam as expressões faciais e os sorrisos.
Concluindo, o ensino à distância foi bom e mau, pois perdemos a socialização com as pessoas e, fisicamente, perdemos os abraços e os beijos, os afetos em geral, o que não foi bom. Na minha opinião, se todos combatermos o vírus, usando máscaras e desinfetando as mãos, estaremos a contribuir para travar este vírus invisível.

Raquel Pinto
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva (Funchal)

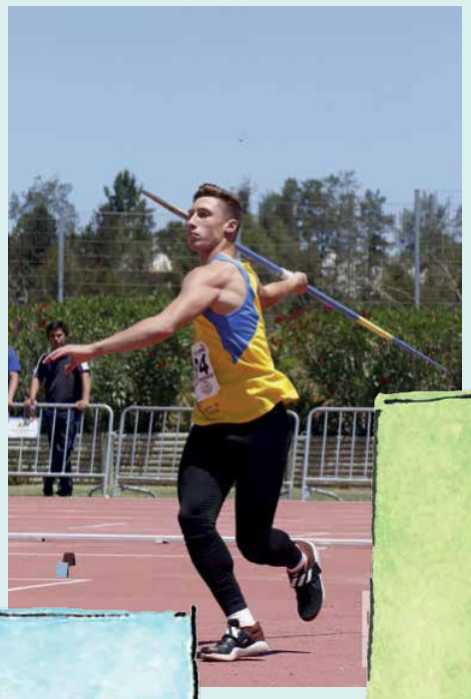
O Atletismo

Da brincadeira à Seleção de Portugal

Comecei a praticar este desporto porque os meus irmãos, que já o praticavam, de cada vez que chegavam a casa, diziam que o treinador os punha a correr na pista, mas quando passavam na parte de cima do complexo, aproveitavam para brincar no parque e na teia de aranha que lá havia. Eu – ouvindo sempre aquilo, de cada vez que perguntava o que eles tinham feito no treino – decidi entrar também para poder brincar no parque. E assim entrei para o atletismo.

Como atleta, já ganhei muita coisa, continuo ganhando e, cada dia que passa, penso em evoluir e melhorar cada vez mais. Representei três vezes Portugal e foi uma sensação única de prazer e de felicidade, algo inexplicável. Para melhorar e conseguir alcançar as metas, tenho de continuar na luta, nunca desistir, nunca ir abaixo, manter a parte psicológica forte, acreditar sempre e que, com esforço e dedicação, tudo é possível.

O atletismo influenciou muito a minha vida e, graças a este desporto, pude evoluir muito como pessoa e como atleta. O atletismo é um desporto que permite conviver com as pessoas de outros clubes, dentro e fora das provas, o que nos ajuda a crescer ao nível da interação humana.



«uma sensação única de prazer e de felicidade, algo inexplicável»

Moisés Faria
EBS Padre Manuel Álvares (Ribeira Brava)

A útil inutilidade da Arte

A arte afeta as pessoas? Podemos "viver" a arte? Podemos "respirar" a arte? A música pode resolver os nossos problemas? Ler um livro pode ser terapêutico? Se nos dermos ao trabalho de refletir sobre todas estas questões, em pleno período pandémico, percebemos que a Arte esteve e está presente na nossa vida. Foi uma verdadeira e genuína companhia.

Com efeito, o que fizemos em tempo de confinamento? Vimos filmes, assistimos a peças de teatro *online*, desenhámos, dançámos, ouvimos música, cozinhámos, aprendemos a fazer algo que há muito ambicionávamos. Tudo isto é arte. Os artistas, de forma altruísta, deixaram-nos beber das suas criações. Isso é Amor. Amor e Arte – parece-nos ser o intercâmbio perfeito.

Porém, nem sempre a arte nos leva ao colo. Rasga-nos por dentro; Faz-nos parar e pensar; Rompe com os preconceitos; Traduz os nossos medos; Fala diretamente ao nosso coração; Denuncia as injustiças sociais; Antevê o que os nossos olhos ainda não alcançaram.

O que é que ela quer, então? Ela quer catalisar a mudança com a sua matéria-prima, que é tantas vezes ignorada. Inexplicavelmente, "todos nós", a sociedade e também as entidades públicas (des)cuidam-se e não a tratam tal como ela merece. Todos os dias surgem notícias de que a cultura não é apoiada; os artistas sentem-se mesmo esquecidos, sem rede que os impeça de cair. É, de facto, arrebatador não olharem com valor para a criação artística, pois ela resiste para que a realidade não nos derrube.

Em jeito de conclusão, acreditamos que a arte tem esta capacidade de "gritar" bem alto, em nome das vozes caladas. Ela cuida de nós, cicatrizando as feridas provocadas pelos golpes desferidos pela sociedade.

'Pensar diverso'

Foto: Visita guiada – Casa das Mudas

Beatriz Vieira e João Rodrigo
ES de Jaime Moniz (Funchal)

Não sei escrever

Não sei escrever,

porém lê os meus versos…
Entre os meus termos diversos,
que entre meios numerosos,
não foram difíceis de perceber.

Não sou excelentíssimo nem doutor,
Senhor sublimíssimo com algum esplendor.
Presidente importantíssimo ou escritor,
mas ler um poema é mover…

Vibra vivamente a voz dos cegos,
Ofusca, ostentando aos olhos dos surdos.
Liga pela língua a quem não levou a ler
e escreve quem não sabe escrever…

Tiago Teixeira Castro
EBS de Machico

Acompanha as **notícias da tua escola** na **TSF Madeira**:

21/11 | EBS/PE da Calheta

28/11 | ES de Francisco Franco (Funchal)

05/12 | EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)

12/12 | EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva (Funchal)

19/12 | EBS de Machico

Fica de ouvido à escuta!

Na antena da **TSF Madeira**, com transmissão ao **sábado**, depois do noticiário das 14h00, reposto ao **domingo** e num dia de semana no mesmo horário.

Auloween

Curiosidade

Fantasmaula

Os fantasmas do 10.º 2 não se assustam com o PV, dizem as correspondentes Ana Cristina Jaques e Liliana Silva…

Halloween

Lendo com um fantasma às costas

PVendo

Uma leitura doutro mundo

Ana Cristina Jaques e Liliana Silva
EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)